



# II ENECULT



II ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

Trabalho apresentado no II ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado de 03 a 05 de maio de 2006, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

## A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO NORDESTINO/SERTANEJO NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Cláudia Pereira Vasconcelos<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente texto propõe uma discussão sobre a construção da imagem do nordestino, associado ao homem sertanejo, na constituição da identidade brasileira e as conseqüências da composição desta imagem proposta por intelectuais do Norte e do Sul do país, no início do século XX. Para isso, dialogarei com alguns autores brasileiros que, em diferentes épocas, traçaram um pensamento sobre o Brasil e a complexa representação da identidade nacional, a exemplo de: Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Renato Ortiz e Durval Muniz Albuquerque Jr.

**Palavras-chave: Identidade Nacional, representação, sertanejo, estereótipo.**

### 1. A construção da identidade nacional: Brasil ou Brasis?

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade.

**Stuart Hall**

Quem somos nós povo brasileiro? O que nos constitui? O que faz o **brasil** ser **Brasil**? Brasileiro é assim mesmo?... Essas e outras são perguntas que cotidianamente ocupam grande parte dos intelectuais brasileiros, ainda nos dias de hoje, mas que começam a ser formuladas, de forma mais sistemática, no início do século XX.

Aceitar a multiplicidade e a diversidade de vozes e presenças no Brasil nunca foi fácil para a elite local. Os sentimentos ambivalentes de fascínio e repulsa, preconceito e

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade da UFBA e coordenadora do Núcleo Pedagógico do CRIA – Centro de Referência Integral de Adolescentes. E-mails: [evasemarias@uol.com.br](mailto:evasemarias@uol.com.br) e [claudia@criando.org.br](mailto:claudia@criando.org.br)

aceitação, envolvimento e distanciamento e a dificuldade de reconhecimento do “outro” em si mesmo compõem a história da construção da identidade nacional.

Em seu estudo sobre a *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, Renato Ortiz traça historicamente o processo de construção da identidade nacional, retomando as diferentes formas como a mesma foi pensada a partir do fim do século XIX. É neste período que as teorias ligadas, principalmente, à raça e ao meio emergem com toda força visando explicar o descompasso do Brasil em relação a outros países do mundo, principalmente em relação à Europa.

Ortiz inicia sua análise partindo de três pensadores desta época: Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, considerados precursores das Ciências Sociais no Brasil que, influenciados pelas teorias evolucionistas, elaboradas na Europa no século XIX, buscam, para além de uma lógica ligada a uma história natural evolutiva da humanidade, explicar o Brasil através dos argumentos epistemológicos do meio e da raça, “A compreensão da natureza, dos acidentes geográficos esclarecia assim os próprios fenômenos econômicos e políticos do país” (1994, p. 16). Um exemplo claro de como estas categorias fundamentavam a escrita destes pensadores é a obra clássica de Euclides da Cunha *Os Sertões*, em que o autor logo de início apresenta dois grandes capítulos sobre a Terra e sobre o Homem para, a partir da descrição detalhada das suas características, narrar e contextualizar a guerra de Canudos ocorrida no sertão da Bahia.

A partir do paradigma naturalista, a importância do meio combinado às características da raça justificava, categoricamente, os porquês do comportamento do brasileiro. A exemplo disso via-se o negro do litoral sendo mais malevolente, o homem do sertão mais sisudo e ríspido, a mulata sensual... E, assim foi-se criando um Brasil de tipos (degenerados) e construindo no discurso sobre a identidade nacional o contorno de alguns estereótipos.

São, portanto, prioritariamente estas noções de clima e raça que vão dar singularidade ao país e explicar o seu atraso e a sua lenta mobilidade, o calor dos trópicos foi visto como um fator dificultador para adaptação do elemento europeu na terra, aliado a isso se apresentava uma evidente mistura de raças. Aparece, deste modo, um quadro pessimista sobre a construção da nacionalidade e conseqüentemente o progresso e a modernização do país. Se o mestiço (indolente) é um dado concreto, o que é apontado como ideal para o progresso do país é a possibilidade de um branqueamento da sociedade

brasileira, numa tentativa de processualmente ir minando as características negativas do nosso povo, para finalmente construir um Estado Nacional. Neste sentido, a idéia de Nação aparece muito mais como uma meta a ser alcançada do que como uma realidade (Ortiz, 1994).

Tendo em vista que a Nação é uma “comunidade imaginada” (Anderson, 1983), ou seja, um sistema de representação cultural que busca unificar um todo heterogêneo, ainda permanece a questão sobre **quais as estratégias utilizadas pela elite brasileira, no processo de construção de sua unidade nacional, para a concretização de um ideal de Brasil moderno e independente?** Justamente num momento em que o país fazia de tudo para copiar a França e seguir o padrão civilizador europeu, como conviver, por exemplo, com a migração, através da qual vinham exatamente para a capital do Brasil, o Rio de Janeiro, e para o maior centro urbano do país, São Paulo, os nortistas maltrapilhos e miseráveis, denunciando que a febre de modernização do país não passava de uma aspiração.

Provavelmente o caminho possível para alguns intelectuais e políticos da época resolverem este conflito tenha sido o de criar, ou como bem diz o historiador Durval Muniz Albuquerque Jr *inventar* uma divisão regional que pudesse viabilizar uma clara distinção entre um Brasil ideal – moderno, rico, industrial, formado por uma grande parcela de emigrantes europeus..., e um Brasil “real” – atrasado, pobre, rural, escurecido por uma população mestiça de índios e negros... Desse modo, a ênfase na diferença entre o “Brasi de cima” / Norte/Nordeste e o “Brasi de Baxo” / Sul/Sudeste (Patativa do Assaré), ou melhor, a escolha de uma região para representar o nacional indicava, por hora, a resolução para o grande dilema da unidade nacional.

A grande diferença entre o Norte e o Sul do país sempre foi pauta de discussão entre muitos intelectuais da época, mais uma vez os paradigmas naturalistas (questões de raça e meio) seriam responsáveis para explicar o descompasso no ritmo do desenvolvimento interno do Brasil. Para Euclides da Cunha o regime meteorológico é a principal causa da diferença entre o Norte e o Sul, tendo este (o Sul) *condições incomparavelmente superiores*. Para Nina Rodrigues havia um risco de esfacelamento da nacionalidade, pois no Sul estava presente uma civilização branca, moderna (considerada por ele superior), enquanto que no Norte havia uma predominância mestiça e negra que atravancaria o processo de desenvolvimento do país. Anos depois, Oliveira Viana confirmaria esta tese ao

considerar o Sul, principalmente São Paulo, como “o local de uma aristocracia moral e psicologicamente superior”<sup>2</sup>, desta forma, restava ao Norte subordinar-se às influências modernizadoras do Sul (Albuquerque Jr, 2001).

Sendo o calor inadequado para o desenvolvimento de uma civilização e os mestiços e negros uma “sub-raça” incapaz de realizá-la, **Estaria o Norte condenado à decadência?**

Em resposta a esse aforismo o movimento regionalista do Norte/nordeste ressurgiu de forma intensa, nos anos vinte, arregimentado principalmente por Gilberto Freyre. Intelectuais, políticos e artistas da região se articulam e, de diversas formas (nas artes, nas produções literárias, jornalísticas...), encontram um jeito de dizer quem são e para que veio o movimento, institui-se, neste momento, o que hoje conhecemos como Nordeste, até então chamado de região Norte. Como afirma Albuquerque Jr.,

Uma nova consciência do espaço surge, principalmente, entre intelectuais que se sentem cada vez mais distantes do centro de decisão, do poder, seja no campo político, seja no da cultura e da economia. Uma distância tanto geográfica, quanto em termos de capacidade de intervenção. (2001, p.50)

É no momento de construção discursiva sobre a unidade nacional que se afloram diversos discursos regionalistas na tentativa de transformar os costumes, as manifestações culturais e as práticas sociais de cada região em símbolos e imagens que represente o nacional. Segundo Albuquerque Jr, são principalmente os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco “os que se colocam como centro distribuidor de sentido em nível nacional” (2001, p. 42).

Neste sentido, é interessante questionarmos até que ponto foi possível superar os regionalismos e chegar a uma representação nacional “verdadeira”, como defendia Mário de Andrade, ao afirmar a importância de se realizar pesquisas sobre as peculiaridades de cada região na tentativa de criar um “todo brasileiro”, que superasse os tipos regionais para chegar a nos constituir como povo, homogêneo na alma e no corpo<sup>3</sup>.

Stuart Hall, em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, interroga a possibilidade de uma identidade nacional representar um coletivo de forma conciliadora, já que na situação colonial a conquista e a dominação entre diferentes povos se dão a partir de um exercício constante de disputa de poder “Cada conquista subjugou povos conquistados e

---

<sup>2</sup> VIANA, Oliveira Apud ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz, 2001, p 57.

<sup>3</sup> ANDRADE, Mário Apud ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz, 2001, p. 50.

suas culturas, costumes, língua e tradições, e tentou impor uma hegemonia cultural mais unificada” (2003, p. 60). **Nesta disputa de poder interna qual dos Brasis seria eleito como o mais adequado representante da Nação?**

O historiador Durval M. Albuquerque Jr sugere no subcapítulo *Norte versus Sul*, do seu livro *A invenção do Nordeste e outras artes*, que o Sul seria eleito “naturalmente” o fundamento da nação e explica que tal situação se deve ao fato de que, tanto o Sul quanto o Norte, de formas diferentes, afirmavam o Norte enquanto espaço associado ao rural. O primeiro evidentemente, de forma pejorativa, como o lugar de representação do atraso, da violência, do barbarismo e da miséria, e o segundo como o lugar da brasilidade mais pura, distante das influências estrangeiras, lugar do homem forte do sertão, mas também (e por interesses da elite) como lugar onde, de fato, a seca era um dos mais fortes elementos de constituição da região, alarmando a necessidade de grandes investimentos para a superação da pobreza e do abandono. Além disso, ambos tratavam o cangaço e o messianismo pejorativamente como fenômenos causados pela natureza.

É neste cenário de organização de imagens opostas do nordeste e do nordestino que a célebre obra de Euclides da Cunha *Os Sertões*, publicada em 1902, pôde servir como uma das fundamentações para ambos os argumentos, completamente díspares entre si. O seu discurso ambíguo e contrastante oferece substrato suficiente para produzir tanto uma estereotipia negativa em que se inferioriza o sertão/nordeste, quanto uma estereotipia positiva em que se enaltece esta região e o seu povo.

Apesar de suas fortes convicções naturalistas, próprias de uma geração de intelectuais influenciados pelas teorias evolucionistas, deterministas e racistas, Euclides da Cunha se depara com a vida no sertão e a partir do que assiste durante a guerra de Canudos é tomado por profundos conflitos epistemológicos visivelmente presentes na sua obra. As imagens que constrói daquele lugar e do homem que o habita são totalmente ambíguas e por vezes contraditórias. Assim, a paisagem desoladora e desértica é a mesma paradisíaca, uma terra que vai “Da extrema aridez à exuberância extrema” (p.231), e o seu habitante, o sertanejo, apesar de ser “o homem permanentemente fatigado”, cambaleante e sem prumo, de um só assalto pode se transformar em um “titã acobreado e potente” ágil e forte. Enfim, entre os saberes de sua época e a vontade de exaltar a memória dos canudenses, Euclides acaba por levantar uma grande questão para o Brasil, quem será esse povo desconhecido: vencido ou vencedor?

Desta forma, são estas e outras afirmações de Euclides da Cunha, aliada as demais obras também de cunho naturalista que, por volta do início do século XX, dão vazão aos divergentes discursos construídos pelos intelectuais do Sul e do Norte sobre a nova região do país chamada Nordeste. É neste contexto que pretendo perceber de que forma foi construído o estereótipo do povo que habita esta região o nordestino/sertanejo.

## 2. Como o “Brasil de Cima” se apresenta e como o “Brasil” apresenta o “Brasil de Cima”

O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução.

**Homi Bhabha**

O historiador Durval Muniz Albuquerque Jr. inicia o seu livro *A Invenção do Nordeste e outras artes*, convidando-nos a olhar o Nordeste na mídia: novelas, documentários, reportagens jornalísticas e, principalmente, programas de humor. O que geralmente aparece em cena é um lugar bem distante (de quem?), com pessoas engraçadas, que falam “errado”, se vestem com roupas emendadas, usam maquiagem exagerada, dão tiro e peixeradas para todo lado... O que se encontra de comum em todas estas imagens pitorescas e risíveis é um discurso concreto que produz um incômodo nos moradores da região e, que pode gerar ao mesmo tempo uma intrigante aceitação do lugar de marginal frente a uma cruel estratégia de estereotipização.

Assim como propõe Homi Bhabha em seu ensaio *A Outra Questão: o Estereótipo, a Discriminação e o Discurso do Colonialismo*, no qual discute a questão da alteridade a partir da construção do estereótipo no discurso colonial, Albuquerque Jr nos provoca a fazer um deslocamento dos lugares fixos de opressor/oprimido, inventor/inventado, sugerindo ao leitor uma compreensão histórica de como essas imagens foram produzidas e quem as produziu. Ao trazer à cena os próprios “nordestinos” como atores desta trama e não apenas como vítimas, afirma, logo de imediato, que a composição deste lugar e da representação dos seus habitantes se deu a partir de diferentes vozes, vindas de fora e dentro da região. A produção destes discursos conferiu ao Nordeste e aos nordestinos determinadas características e estigmas morais, culturais, simbólicos e sexualizantes, fruto

do jogo das relações de poder e saber, de conflitos e de acordos entre o Sul/Sudeste e o Norte/Nordeste. Neste sentido, Albuquerque Jr. apresenta o Nordeste em termos de representação

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva a estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. (2001, p. 20)

Além de perceber a produção da região Nordeste gostaria de focalizar a discussão na construção da imagem do seu habitante “o nordestino”. Quem é essa figura que se encontra tão presente no imaginário dos próprios moradores da região, mas também, e muito fortemente, nos “outros” brasileiros, representado (principalmente a partir dos anos 30) na literatura, na música, na poesia e no cinema, enfim, nas artes e nas letras que compõem este Brasil... **De onde, como e quando nasce este emblemático homem?**

Mais uma vez Albuquerque Jr, em seu mais recente livro *Nordestino, uma invenção do falo*, procura responder a questões como estas traçando uma triangulação de tipos para explicitar as influências epistemológicas, utilizadas tanto pelos intelectuais do Sul/Sudeste quanto do Norte/Nordeste. Desta forma, ele chamou de “homem eugênico” – a imagem referente à raça, de “homem telúrico” – a imagem referente à cultura, e de “homem rústico” – a imagem referente ao meio.

No discurso das elites regionais do Norte, principalmente ligadas a Pernambuco (inventores da idéia de Nordeste), o tipo regional vai se configurando a partir dos anos vinte e sendo disseminado e popularizado no final dos anos trinta<sup>4</sup>. A primeira questão que o autor chama a atenção é que, não por acaso, este sujeito é representado pela figura masculina. Assim,

O Nordeste, que um dia foi o Brasil, o Brasil da Casa Grande e da Senzala, o Brasil da nobreza e da quase nobreza portuguesa, o Brasil das capitânicas hereditárias e das sesmarias, dos engenhos de açúcar e das roças, do gado e do algodão, tornou-se periferia desse mesmo Brasil, mas que já não é mais o mesmo... (Favero e Santos, 2000, p. 27)

Sentindo-se abandonado no *porão da Casa Grande*, como insistente lugar do atraso, em contraponto a um Brasil moderno, do café e da indústria que nascia no Sul, seria necessária à emergência de um Homem com H maiúsculo, forte, capaz de recuperar a

---

<sup>4</sup> Quando aparecem os primeiros cordéis e xilogravuras onde este nordestino é representado.

potência e o poderio deste saudoso lugar. Desta forma, o homem que melhor representaria o Nordeste, segundo o movimento regionalista, seria o sertanejo, aquele homem rude, embrutecido pela natureza, descrito tão bem por Euclides da Cunha como um herói, guerreiro, e resistente, capaz de enfrentar todo tipo de dificuldade e de sobreviver a elas. Segundo Albuquerque Jr.,

O tipo nordestino vai se definindo como um tipo tradicional, voltado para a preservação de um passado regional que estaria desaparecendo... ..se situa na contramão do mundo moderno, rejeita as suas superficialidades, sua vida delicada e histórica. Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos; um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise; um ser viril, capaz de retirar a sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava. (2003, p. 162)

A partir daí podemos perceber que o processo de estereotipia do nordestino associado ao sertanejo, ao homem da roça, não nasce apenas de uma disputa do Sul contra o Norte. É claro notar que o estereótipo associado aos atributos negativos do rural, e a criação de estigmas como: tabaréu, violento, fanático, messiânico, incapaz, miserável... nasce da necessidade do Sul se afirmar como: educado, moderno, capaz, rico, produtivo, racional... pela diferença. O fundamento que associa as representações do nordestino ligadas ao rural, mesmo no sentido de valorizá-lo, é decorrência de uma incoseqüente e voraz postura da elite do Norte que, em nome da manutenção de uma ordem econômica e política (patriarcal) e de uma sede de poder, utiliza a seca como o seu mote principal na mobilização de recursos para investimentos na região (Albuquerque Jr. 2001).

É assim que o “Brasil de cima” se apresenta, forte, viril, duro e ríspido, influenciado pelo meio ao desenvolver uma capacidade de enfrentar tudo e a todos para sobreviver, sobreviver aqui no sentido de resistir, tanto a seca, que assola grande parte da região, quanto no sentido de manter a pureza da brasilidade, se resguardando, pela distância, das destruidoras influências modernizantes/estrangeiras, a que o Sudeste estava sujeito. “O abandono em que jazeram os rudes patrícios dos sertões do Norte teve função benéfica. Libertou-os da adaptação penosíssima a um estágio social superior, e, simultaneamente, evitou que descambassem para as aberrações e vícios dos meios adiantados”. (Cunha, 2002, p. 269)

É, portanto, no discurso ambivalente das elites “rejeitadas” do nordeste que, ao mesmo tempo, em que se exaltam, se deixam apresentar como pedintes, excluídos, marginais e miseráveis, vítimas da seca e da hostilidade da natureza. É neste sentido, que os



estudos de Albuquerque Jr, se apresentam como uma importante denúncia, propondo, aos sujeitos aí traduzidos, superar este comportamento *masoquista* através da destruição do que foi estabelecido historicamente como verdade, “se o Nordeste foi inventado para ser este lugar de barragem da mudança, da modernidade, é preciso destruí-lo para poder dar lugar a novas espacialidades de poder e de saber” (2001, p. 311).

Esta forma de dizibilidade abriu brechas para se deixar ser apresentado pejorativamente pelo “outro”, que, por sua vez, se aproveita da ambigüidade e fragilidade desse discurso para evidenciar excessiva e repetidamente alguns traços da diferença e produzi-la enquanto estigma e verdade.

É principalmente pela imprensa que o “Brasil de Baixo” (o Sul) vai falar do “Brasil de cima” (o Norte). Aí mais uma vez podemos considerar como um dos grandes marcos na construção desse outro discurso o livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, ao enfatizar a superioridade do Sul em relação ao Norte, tanto pela influência do clima “E voltando ao Sul, no território que do norte de Minas para o sudoeste progride até o Rio Grande, deparam-se condições incomparavelmente superiores... atingindo no inverno, a impressão de um clima europeu...” (p. 248), como pela influência da raça “Ao passo que no Sul se debuxavam novas tendências, uma subdivisão maior nas atividades, maior vigor mais heterogêneo, mais vivaz, mais prático e aventureiro, um largo movimento progressista, em suma”. Em contraposição estava o Norte “capitanias esparsas e incoerentes, jungidas a mesma rotina, amorfas e imóveis...” lugar onde a história não tocava, o local do atraso, onde as transformações urbanas e industriais, surgidas no centro-sul do país, jamais ocorreriam, sendo esta região povoada por uma “sub-raça”.

O que chamaria a atenção do resto do país, tanto através da obra de Euclides quanto pelo advento da imprensa citadina que divulga fotos e reportagens sobre a grande seca ocorrida em 1877 no Norte, são, justamente, os comportamentos e fenômenos bizarros desta região, pois aliado a guerra de Canudos o cangaço, começava também a aparecer na imprensa sulista. A partir daí, surgem inúmeras reportagens principalmente de jornais do Rio e de São Paulo sobre o Norte/sertão, algumas como notas de viagens. Segundo Albuquerque Jr, *O Estado de São Paulo* promove uma série de reportagens intituladas “Impressões do Nordeste” e “Impressões de São Paulo”, com a clara estratégia de demonstrar a superioridade paulista, a exemplo deste texto escrito em 1920:

...Incontestavelmente o Sul do Brasil, **a região que vai da Bahia até o Rio Grande**<sup>5</sup>, apresenta um tal aspecto de progresso em sua vida material, que forma um contraste doloroso com o abandono em que se encontra o Norte, com seus desertos, sua ignorância, sua falta de higiene, sua pobreza, seu servilismo<sup>6</sup>.

Deste modo,

seja na imprensa do Sul, seja nos trabalhos de intelectuais que adotam os paradigmas naturalistas, seja no próprio discurso da seca, o Norte aparece como uma área inferior do país... A certeza de que o rápido desenvolvimento do Sul, notadamente São Paulo, se explicava por ser um Estado de clima temperado e raça branca, levava a que não se tivesse dúvidas do destino desta área, “puxar o trem descarrilhado de uma nação tropical e mestiça”. **O Norte ficaria “naturalmente” para trás.** (Albuquerque Jr., 2001, p. 62)<sup>7</sup>

Fazendo perdurar até os nossos dias o estereótipo do nordestino/sertanejo na região Sul e Sudeste, reduzido à imagem da seca, da migração, do tabaréu, ignorante, cruelmente associado ao risível.

**E a Bahia?**, citada acima como Sul, onde estava no momento de construção da identidade do Nordeste, o que pensava e como se dizia este estado integrado a região Nordeste posteriormente? É sobre estas e outras questões que pretendo discutir a seguir.

### **3. A pesquisa: Ser-Tão Baiano, o lugar da sertanidade na configuração da Identidade Baiana**

Pretendo a partir destas primeiras impressões sobre o discurso de estereotipia no processo de construção da identidade brasileira, desenvolver a minha pesquisa pensando o lugar da Bahia neste cenário. Ao perceber como o discurso colonial se reproduz internamente num país (Brasil), numa região (Nordeste), e até mesmo num estado (Bahia), faz-se necessário perguntar quais os efeitos dessas disputas identitárias internas, na tentativa de estabelecer uma representação hegemônica?

Qual a relação identitária entre a Bahia e o Nordeste, como a capital do estado vê os municípios do interior, existe lugar para a “sertanidade” no conjunto de referências que comumente se denominou Identidade Baiana? A partir de perguntas como estas, pretendo perceber como o discurso hegemônico da Baianidade, centrado na cidade de Salvador e recôncavo, se afirmou, qual o seu impacto sobre os moradores da capital e os moradores do

---

<sup>5</sup> Grifos meus.

<sup>6</sup> Retirado do livro *A invenção do Nordeste e outras artes* de Albuquerque Jr., P. 43.

<sup>7</sup> Grifos meus.

interior, o que está no imaginário dos jovens moradores da capital sobre os moradores do interior do estado, principalmente da região do semi-árido – do sertão baiano, é possível superar os discursos de estereotipia do sertanejo/interiorano dentro deste estado do Nordeste?

Todas estas questões partem de uma percepção pessoal, como migrante do interior para a capital, de como as diferenças regionais dentro de um mesmo estado são apontadas, dentro de uma lógica hierárquica, pela convivência cotidiana. Desta forma, a problemática identitária do *ser ou não ser baiano?* intriga muitos “outros” que não se reconhecem na imagem hegemônica e oficial da Bahia.

As discussões sobre as imagens de baianidade realizadas nas academias nos últimos anos<sup>8</sup>, abordam o significado da “identidade cultural baiana”, colocando, em geral, em debate o modelo de identidade produzido e veiculado sobre a Bahia sobre o olhar da publicidade. Apesar de pensar criticamente sobre esta imagem de Bahia, estes estudos têm se centrado no recôncavo, tendo como principal referência a cidade de Salvador, problema que se reproduz em importantes estudos históricos.

Sabendo das dimensões geográficas e das singularidades culturais do estado, e a partir dos estudos sobre o Nordeste e a construção da imagem do nordestino/sertanejo, é necessário discutirmos mais profundamente o que é a “cultura baiana”, como e porque este estado de tão ricas e variadas representações constrói a sua *dizibilidade* e sua *visibilidade* a partir de uma única região?. Mesmo havendo uma abertura na academia para os estudos culturais pautados na alteridade, no respeito às diferenças e no reconhecimento das chamadas minorias, a questão da diversidade baiana ainda não é problematizada o suficiente.

Para discutir a complexidade da sociedade baiana e suas múltiplas facetas não podemos trabalhar com uma idéia totalizadora, como é o caso da identidade oficial baiana. A imposição desta imagem apaga a existência do outro e não traduz a diversidade do cotidiano popular.

A população afastada do litoral, do interior, do sertão, principalmente do semi-árido baiano, não se identifica com o estilo de vida litorâneo: a culinária, a economia marítima e as festividades religiosas, as manifestações culturais mesmo quando presentes não têm o

---

<sup>8</sup> Principalmente por estudiosos das Faculdades de Ciências Humanas e de Comunicação da UFBA.

mesmo significado, porque são diferentes as lógicas, as noções de tempo e de espaço, e de certos valores de convivência. E mesmo no contexto global, onde as distâncias espaciais e temporais são encurtadas pelos meios de comunicação, percebo que o estereótipo do sertanejo ainda perdura neste espaço metropolitano, reduzido à imagem da seca e da ignorância. Esta visão é reforçada ao se produzir uma imagem hegemônica e oficial do estado, em que as belezas e os elementos ligados a modernidade se concentram em um só espaço, a capital e seu recôncavo, em contraponto a toda uma região culturalmente muito rica que passa a ser um desconhecido, ou mesmo um *não lugar*, dentro de um mesmo território (estado).

É no sentido de verificar se na composição da tessitura de referências comumente chamada de Identidade Cultural Baiana há espaço para elementos de uma identidade sertaneja, ou de uma sertanidade, que pretendo desenvolver a minha pesquisa, buscando perceber como a imagem oficial e hegemônica da Bahia, representada principalmente pelos meios de comunicação, afetam o imaginário dos jovens soteropolitanos em relação a diversidade cultural do estado.

#### **4. Referências Bibliográficas**

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez. 2001.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *Nordestino, uma invenção do falo, uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920 – 1940)*. Maceió: Catavento. 2003.

BHABHA, K. Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 1998.

CARVALHO, Ana Maria de (org). *Quem faz Salvador*. Salvador: UFBA, 2002.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Cultrix-MEC, 1973.

FAVERO, Celso Antônio e SANTOS, Stella Rodrigues dos. *Semi-árido: fome, esperança, vida digna*. Salvador: UNEB, 2000.

FREYRE Gilberto. *Interpretação do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “Euclides da Cunha: Os Sertões” In MOTA, Lourenço Dantas (org.) *Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico*. São Paulo: Senac, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PÍRES NETO, Josias. *Bahia singular e plural: registro audiovisual de folguedos, festas e rituais populares*. Salvador: SCT/Fundação Cultural, 2005.

RISÉRIO, Antônio. *Caymmi, uma utopia de lugar*. São Paulo: Perspectiva. 1993.

VELLOSO, Mônica. *Que cara tem o Brasil? As maneiras de pensar e sentir o nosso país*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.